OS JORNAIS DE CAXIAS E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO NO PERÍODO OITOCENTISTA

Antonia Pereira de Souza¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar as condições de produção e circulação dos jornais de Caxias - MA no período Oitocentista. A pesquisa foi realizada entre os anos de 1836 a 1868, em jornais como: A Aurora: Folha Política e Comercial (1849), Brado de Caxias: Trono e Liberdade (1845-1846), O Farol: Folha Política e Comercial (1850-1854) e O Telégrafo (1846-1847) e mostra o cenário de audácia e medo vivido pelos profissionais da imprensa, bem como a história das tipografias e dos jornais que elas produziam. Trata-se de uma pesquisa em fonte primária, visto que foram utilizados jornais; bem como bibliográfica, uma vez que foram também pesquisados livros, a exemplo de Serra (2001), Frias (2001), Vilaneto (2008) e a tese de Souza (2017), envolvendo os procedimentos qualitativos e crítico-analítico.

Palavras-chave: Jornais de Caxias; Condições de produção e circulação; História dos jornais; História das tipografias.

ABSTRACT

The purpose of this article is to show the conditions of production and circulation of newspapers in Caxias - MA in the 19th century. The research was carried out between the years 1836 to 1868, in newspapers such as: Aurora: Folha Política e Comercial (1849), Brado de Caxias: Throno e Liberdade (1845-1846), O Farol: Folha Política e Comercial (1850- 1854) and O Telégrafo (1846-1847) and shows the scenario of audacity and fear experienced by the press professionals, as well as the history of the printers and newspapers they produced. This is a primary source survey, since newspapers were used; as well as bibliographic, since books were also searched, such as Serra (2001), Frias (2001), Vilaneto (2008) and Souza's thesis (2017), involving qualitative and critical-analytical procedures.

Keywords: Caxias Newspapers; Production and circulation conditions; Newspaper history; History of printers.

¹ Doutora em Letras: Literatura e Cultura (2017), pela Universidade Federal da Paraíba. Cursou Mestrado em Letras: Estudos Literários (2010), na Universidade Federal do Piauí). É autora do livro *O fantástico no romance Não verás país nenhum* (2018).

INTRODUÇÃO

O primeiro jornal brasileiro foi impresso em Londres: *Correio Brasiliense*, em 1° de junho de 1808, mas só chegou ao Rio de Janeiro em outubro. Era um periódico oposicionista, que discutia os problemas da Colônia, portanto não agradou aos poderosos, consequentemente foi apreendido. Esse jornal pertencia a Hipólito da Costa. O primeiro jornal impresso no Brasil, com licença para circular foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro de 1808. Em seguida, a imprensa começou a se desenvolver nas províncias, iniciando pela Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará; seguidas pelo Ceará, Minas Gerais, Paraíba, São Paulo e Rio Grande do Sul (MARTINS & LUCA, 2011).

Segundo Quincas Vilaneto (2008, p. 38), a imprensa maranhense, no século XIX, foi bastante rica. Começou a funcionar em São Luís, em 1821, com a publicação do jornal *O Conciliador do Maranhão*², de forma manuscrita; e Caxias foi a segunda cidade da província onde a imprensa desenvolveu-se, com início, em 1833, com *A Crônica – Jornal Político, Noticioso*.

De muitos jornais maranhenses, do período desta pesquisa (1836 a 1868), não existem mais cópias. De Caxias, encontramos 15 jornais que ainda possuem reproduções. No entanto, conforme, Vilaneto (2008), circularam 33 jornais nesse município, no período mencionado.

Neste artigo pretendemos mostrar as condições de produção e circulação dos jornais de Caxias — MA, no período Oitocentista, para tanto nos baseamos, sobretudo, na pesquisa de Souza (2017) e nas obras de Serra (2001), Frias (2001), Vilaneto (2008). A pesquisa é e caráter primário e bibliográfico, envolvendo os procedimentos qualitativos e crítico-analítico. Está dividido em dois tópicos: "Aspecto político dos jornais: risco iminente para os profissionais da imprensa" e "História das tipografias caxienses oitocentistas e seus jornais".

A fim de contar a história de audácia e medo em que viviam os profissionais da imprensa oitocentista caxiense, bem como a história dos jornais e das tipografias, pesquisamos os periódicos desse município, entre os anos de 1836 e 1868. Neste artigo reportamo-nos mais atentamente aos jornais *A Aurora: Folha Política e Comercial* (1849), *Brado de Caxias: Trono e Liberdade* (1845-1846), *O Farol: Folha Política e Comercial* (1850-1854) e *O Telégrafo* (1846-1847), em vista

De acordo com informações da BN, esse jornal foi publicado inicialmente de forma manuscrita: "Sua publicação manuscrita começou a 15 abril de 1821, e impressa em 1822, encerrou 12 junho 1823. A partir do n.77, passou a chamar: *O Conciliador*". Informações disponíveis em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/conciliador/conciliador_1821/o_conciliador_1821_047.pdf. Acesso em: 08 set. 2014. Em nossa pesquisa, no entanto, verificamos que *O Conciliador* foi impresso ainda em 1821, a partir de 10 de novembro, como podemos ver na figura 1 desta tese.

de seus prospectos políticos, mesmo que algumas vezes disfarçados de comerciais e literários, a fim de evitar retaliações, entretanto, esse invólucro não demorava muito tempo, pois logo o caráter político se sobressaía.

ASPECTO POLÍTICO DOS JORNAIS: RISCO IMINENTE PARA OS PROFISSIONAIS DA IMPRENSA

Segundo Quincas Vilaneto (2008, p. 38), Caxias foi a segunda cidade do estado onde a imprensa desenvolveu-se, com início em 1833, conforme observamos neste trecho: "A Crônica — Jornal Político, Noticioso, o primeiro a circular em Caxias Impresso [na] Tipografia Independente". Em seguida, foram lançados O Justiceiro, em 1835; O Telégrafo, em 1839; Brado de Caxias, em 1845; e o quinto periódico da cidade foi o Jornal Caxiense, lançado em 1846.

No Maranhão, conforme Joaquim Serra (2001), os jornais não tinham um programa bem definido³, isso tornava impossível, classificá-los seguramente como políticos, literários, neutros, pois as temáticas imbricavam-se, mesmo nos que não admitiam tal posicionamento. O jornalista chegou a essa conclusão, quando tentava organizar seu livro Sessenta anos de jornalismo: a imprensa no Maranhão, em vista disso resolveu ordená-lo por datas de lançamento dos periódicos:

Também fora impraticável a divisão por classes, incluindo numa só as folhas políticas, noutras as literárias, e em outra as neutras. A impraticabilidade desse sistema deriva da indecisão de certos programas, não sabendo-se ao certo classificar algumas publicações com intuitos literários, mas em substância folhas políticas; como outras, que, dizendo-se neutras, tomaram parte ativa no movimento partidário da província (SERRA, 2001, p. 17).

Nesta pesquisa, constatamos que, mesmo com essa imprecisão de seus programas, o aspecto político de muitos jornais sobressaía-se e, às vezes, tornava a profissão de redator numa condição de risco. Em consequência disso, os redatores raramente eram percebidos com clareza nos jornais, uma vez que as matérias eram anônimas, em sua maioria, ou assinadas simplesmente com as expressões "O Redator" ou "Os Redatores".

Os profissionais que deixavam o ofício publicavam notas nos jornais comunicando o fato e eximindo-se de qualquer responsabilidade nesse aspecto. Quando alguém era mencionado

³ Esse fato ocorria em outras províncias como a Paraíba, por exemplo, conforme relata Barbosa (2005) no artigo "O conceito de literatura nos periódicos e jornais do século XIX: um estudo dos jornais paraibanos".

como redator, apressava-se para negar, divulgando uma nota no jornal, como procedeu Satyro Antônio de Farias, que publicou nas páginas do jornal *A Aurora*, de Caxias, o seguinte anúncio, demonstrando seu orgulho de ser impressor, ou pelo menos tentando convencer aos leitores dessa condição. Como ser redator precisava ser uma espécie de profissão secreta, pode ter sido uma forma que Satyro encontrou para se proteger, ou ele exercia mesmo só a função de impressor? Fica a incógnita. Segue o aviso de Satyro:

O abaixo assinado declara que não é Redator, Editor, e nem Responsável, papéis estes que nunca fez, e sim o de Impressor, que com honra e dignidade tem exercido, e como tal dirige os trabalhos da Tipografia Independente, para o que foi contratado no Maranhão, dirige este estabelecimento unicamente na qualidade de Impressor, e não como julgam; não redige, e nem se responsabiliza por escrito algum que se publique, e nem os dá ao prelo sem que venham precedidos das respectivas responsabilidades. Assim, declara em alto e bom som, ser Impressor, com o que muito se honra, pois persuade-se exercer uma profissão distinta entre as demais, e como tal pede a todos que o encarem, e não como Redator, Editor ou Responsável, glória que por certo cabe a outras pessoas.

Caxias, 25 de março de 1849. Satyro Antônio de Farias (*A Aurora*, 25 maio 1849, n. 9, p. 4).

O redator do jornal *A Aurora* permaneceu anônimo, mas a epígrafe do jornal "Liberdade ou morte. / DEUS e o Imperador. / A resistência enfraquece. / A resignação fortalece" (*A Aurora*, 28 abr. 1849, n. 4, p. 1), que era anônima, no primeiro exemplar, foi assinada a partir da quarta edição, por M. de M.

O motivo do medo de assumirem-se como redatores, principalmente de jornais políticos, era em vista das retaliações que sofriam, a ponto de serem espancados e consequentemente ficarem doentes por longo tempo, antes de virem a óbito, consoante aconteceu com Francisco Raimundo de Barros Tatayra, redator do jornal *O Telégrafo*, de Caxias.

De acordo com Sebastião Jorge (2006), os jornais maranhenses de oposição, no século XIX, que se dividiam em fases, estavam utilizando um artifício para escaparem das perseguições. Encerravam a circulação e quando mudava de governo, voltavam com novos títulos, redatores principais e programas. Quando retornavam às origens, eram novamente censurados e fechados. Mesmo assim, os jornalistas não se intimidavam e enfrentavam o governo com criatividade:

Os jornais de oposição encerravam, por exemplo, a circulação, hoje, para retornar algum tempo depois. Registrando-se uma primeira fase. Esquecido os incidentes e com a presença de um novo governo, voltavam a circular, anunciando uma segunda fase, e, assim, sucessivamente. Em cada uma dessas fases, para despistar, mudavam

o título, o redator principal e o programa. Quando a censura endurecia, fechavam o jornal, para em seguida, fundar outro. Aí, os redatores, espertamente, traçavam uma linha editorial prometendo ordem e respeito. Não demoravam em mostrar a verdadeira face. O castigo era iminente. Esta queda de braço tinha pouca duração. Ganhava quem tinha mais força. O jornal fechava definitivamente (JORGE, 2006, p. 83).

Com *O Telégrafo* aconteceu algo parecido com a opinião de Sebastião Jorge (2016), porque o jornal, que Vilaneto (2008) afirmou ser político em sua primeira fase, no *Prospecto* da segunda fase apressou-se para declarar que não era um "instrumento para a batalha eleitoral" (era 24 de outubro de 1847 e as eleições ocorreriam em 7 de novembro próximo); e se veiculasse alguma notícia política, seria com imparcialidade, consoante este trecho do mesmo *Prospecto*: "[...] de maneira alguma rebaixaremos a nobre missão da imprensa às contendas dos ódios, desregradas ambições individuais encapadas com o título de interesse público". Outro argumento utilizado na tentativa de convencer às autoridades sobre seu caráter quase apolítico foi declarar-se "mais comercial e literário que político" (*O Telégrafo*, 24 out. 1847, p. 1).

Apesar disso, em 23 de setembro de 1849, os exemplares 194 e 195, que circularam juntos, trouxeram duas epígrafes (a primeira do lado esquerdo e a segunda do lado direito do título do jornal), nas quais convidavam a população a agir diante dos problemas enfrentados pelo país, como a escravidão e a falta de liberdade de expressão causada pelos políticos que censuravam os jornais, perseguiam os jornalistas, espancavam e até mataram muitos desses profissionais, no Maranhão⁴. O periódico continuou com as duas epígrafes até a edição 250, de 9 de maio de 1850, a última antes da morte de Tatayra, editor do jornal *O Telégrafo*. Estas são as duas epígrafes:

Conforme Sebastião Jorge (2006), a violência contra os jornalistas, em São Luís também era grande. Além do caso de José Cândido de Moraes e Silva, já mencionado nesta tese, o pesquisador citou mais dois: "Vicente Lavor Papagaio, redator do jornal [A] Sentinela Maranhense [na Guarita do Pará], órgão liberal, que foi assassinado com 32 facadas, numa das ruas principais de São Luís" (JORGE, 2006, p. 80). Estevão Rafael, redator do jornal O Bem-te-vi, foi ameaçado de morte diversas vezes, além disso, "o presidente da província Vicente Camargo, mandou o Juiz de Paz baixar uma portaria, com estas ameaças: Faça o que lhe digo e não se importe com a lei que se alguém recalcitrar, eu tenho três recursos: 1° - É o campo do Ourique (ou seja, o Quartel onde se senta praça); 2° - A corveta Regeneração (ou seja, navio de guerra surto no porto e que prendia cidadãos para servir na Marinha); 3° - Pará (ou seja, onde se acha o famoso governador do Pará, Soares Andréa, conhecido como 'Minotauro Andréa', que reprimiu ferozmente a Cabanagem). No final reforçava o recado: E disto ninguém está livre, nem solteiro nem casado" (JORGE, 2006, p. 80). Houve também o caso de Cândido Mendes que foi desafiado para um duelo pelo filho de Ana Jansen, mas este, no horário marcado, confirmou que era para debochar ou amedrontá-lo, enviando-lhe a seguinte correspondência: - "Diga a ele que o duelo será a cacete, numa outra oportunidade" (JORGE, 2006, p. 81).

```
.....Pois quê?!..... serenos

Veremos desabar no abismo a Pátria?...

E indiferentes, no meio, a seus desastres, tranquilos a veremos afundar-se no mar da escravidão?!.....

(Garrett Tragédia "Catão").

[...]

Seja a doutrina dos livres

Não provocar, convencer;

Mas levados ao apuro,

Ou triunfar ou morrer.

(O Telégrafo, 23 set. 1849, n. 194-195, p. 1).
```

Além disso, na convocatória "Atendam", que circulou nos exemplares de 193 a 198, os redatores incentivavam as pessoas a se expressarem por intermédio da imprensa; caso houvesse abusos nos escritos, que seus autores respondessem de acordo com a lei; e não sofrendo ameaças de quebramento de tipografias, prisões, cacetadas, facadas, tiros. Esta convocatória mostrava o estado de tensão, perseguições e violência em que viviam os profissionais da imprensa, em Caxias:

ATENDAM

Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras, escritos, e publicá-los pela imprensa, sem dependência de CENSURA; contanto que hajam de responder pelos abusos QUE COMETEREM NO EXERCÍCIO DESTE DIREITO, nos casos e pela forma, que a lei determina (art. 179 § 4° da Constituição do Império). Se estamos em um país constitucional, como se afirma, os abusos da liberdade de imprensa devem ser punidos com a lei, e somente com a lei, e não com ameaças de quebramento de Tipografia, prisões arbitrárias, cacetadas, facadas, tiros de bacamarte &. &. & (O Telégrafo, 08 out. 1849, n. 193, ano II, p. 1, grifo do autor).

A verdade sobre as retaliações que sofreu o redator do jornal *O Telégrafo* só ficou evidente, depois que ele faleceu, e o editor desse jornal transmitiu na primeira página um editorial informando, além da morte de Tatayra, que o jornalista foi preso e deportado, apesar de ser negociante; e em 1840, foi recrutado, mesmo sendo pai de família. Contudo, manteve-se fiel ao Partido Liberal. Em vista das perseguições sofridas, morreu pobre, aos 36 anos. Leiamos uma parte do editorial que transcrevemos a seguir:

Faleceu ontem o Sr. Francisco Raimundo de Barros Tatayra, depois de dolorosos sofrimentos de uma prolongada enfermidade, e seu cadáver jaz sepultado na Matriz de São Benedito! No vigor dos anos contando 36 anos de idade, a morte roubou-o a sua mulher e quatro filhinhos, que deixou na pobreza!

Como homem político que foi o Sr. Tatayra de uma constância inabalável aos princípios liberais. Vítima de ódios políticos, e da vingança de um inimigo (então onipotente) foi injusta, e brutalmente lançado a uma prisão, deportado, e recrutado em 1840, apesar de ser casado, e negociante; porém conservou-se fiel a suas crenças! Reduzido à pobreza, carregado de família, não recuou ante os riscos e perigos de consagrar este jornal a defesa do seu partido em época bem crítica. O partido liberal de Caxias lembrar-se-á com dor e saudade desse leal, e corajoso defensor. O foro perdeu um procurador inteligente, e honrado, e sua infeliz consorte e filhos, um bom esposo, um extremoso pai!.....

A terra lhe seja leve.

O editor (O Telégrafo, 21 maio 1850, n. 251-252, p. 1).

Os proprietários dos jornais também eram ignorados. Existiam caxienses, como, Tatayra, do *Telégrafo*; portugueses, a exemplo de João da Silva Leite, do *Jornal Caxiense*; e o piauiense Lívio Lopes Castelo Branco, do *Liberal Piauiense*. Outros não se declaravam como tal, diziam-se impressores ou editores.

De acordo com Sodré (1999, p. 135), Lívio Lopes Castelo Branco foi o "elemento intelectual mais próximo dos amotinados [da Guerra da Balaiada], com papel indiscutível nos acontecimentos". Integrou-se ao movimento, quando a coluna de Raimundo Gomes entrou no Piauí, participou do cerco de Caxias, do assalto a Piracuruca. Quando o movimento terminou, Lívio Lopes "desapareceu no sertão do Ceará e ocultou-se em Pernambuco. Anistiado, voltou ao Maranhão e foi então que começou a sua infatigável atividade de imprensa. Redigiu, em 1844, *A Malagueta Maranhense*, em São Luís. Passando por Caxias, lançou *O Liberal Piauiense* [...]". Seguidamente voltou para o Piauí, onde criou sete jornais em Oeiras e Teresina, em pouco mais de vinte anos, mas não escreveu sobre a Balaiada, por temer aos latifundiários, ainda conforme Sodré (1999).

Segundo Lúcia Helena Storto e Sidney Aguilar Filho (2015), no Brasil Império, os partidos políticos passavam por transformações frequentemente. O Maranhão, pelos levantamentos que fizemos, até agora, baseava-se nessa divisão partidária, mas criava outros, como foi mencionado por Frias (2001, p. 20), quando afirmou que a Tipografia Temperança foi criada, em 1852, pelos "chefes do partido denominado Estrela". Havia também facções políticas como os Bem-te-vis, pertencentes ao Partido Liberal, que eram perseguidos pela facção Cabanos, do Partido Conservador, conforme Maria de Lourdes Mônaco Janotti (1991). Alguns jornais caxienses, mesmo que disfarçadamente, identificavam-se como integrantes ou militantes desses partidos, como *O Telégrafo*, que tinha membros do Partido Liberal; enquanto no jornal *O* Farol, existiam indícios de que pertencia ao Partido Conservador. Outros partidos

também eram criados. Observemos as mudanças partidárias, no quadro a seguir, que abrange o período de 1822 a 1868:

Primeiro Reinado (1822 a 1831)	Segundo Reinado				
,	Período Reg	encial	Governo Pe	ssoal de D. Pedro l	I
	1831 - 1834	1836	1840 1	868 1	870
"Partido" Português	Restauradores (ou "caramurus") Sociedade Militar	Partido Regressista	Partido Conservad	dor	
	Liberais Moderados (ou "chimangos")				
	Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional		- Gabinete (1853/185 - Liga Prog (1862-1868	ressista	
"Partido"		Partido	Partido		
Brasileiro		Progressista	Liberal		
	Liberais Exaltados (ou "farroupilhas") Sociedade Federal		Partido Libera Radical	al Partido Republicano	

Fonte: http://www.libertaria.pro.br/brasil/capitulo9_index.htm. (Adaptado).

HISTÓRIA DASTIPOGRAFIAS CAXIENSES OITOCENTISTAS E SEUS JORNAIS

Todo esse espaço de manifestação proporcionado pelo jornal não existiria se não fossem as tipografias, pois em Caxias não existiram jornais manuscritos. No período de 1833 a 1868 funcionaram duas tipografias no município: Tipografia Imparcial Caxiense (Tipografia Imparcial) e Tipografia Independente. As duas denominações da primeira foram em vista da mudança de dono, em 1846, quando João da Silva Leite comprou-a de José Cândido Leão e comunicou a compra, assim como a mudança de nome da empresa, nas páginas do jornal *Brado de Caxias*, de 03 de janeiro de 1846, n. 22.

As tipografias de Caxias possuíram diversos proprietários, geralmente, um por vez, mas estes nem sempre eram declarados nos jornais; em alguns deles, após o nome da tipografia, encontrava-se a expressão "impresso por", seguido do nome de alguém que, dessa forma, era associado ao cargo de impressor, mas que, às vezes, se tratava do dono da empresa. Além de impressores, os donos das tipografias exerciam também as funções de editores e redatores, a exemplo de João da Silva Leite, Francisco Raimundo de Barros Tatayra e José João da Silva Rosa. As tipografias caxienses mudavam de endereço constantemente, no período pesquisado, a Imparcial funcionou em seis lugares, enquanto que a Independente estabeleceu-se em sete endereços. Segue um quadro com as tipografias caxienses, os respectivos proprietários e os endereços onde funcionaram:

Quadro 2 - Tipografias Caxienses

Tipografia	Proprietário/Impressor ¹	Endereço	
		Rua augusta n. 11;	
	José Cândido Leão (prop.);	Rua Santa Luzia n. 8;	
Tipografia	João da Silva Leite² (prop.);	Largo da Matriz da	
Imparcial Caxiense	Francisco Raimundo de Barros	Conceição, casa n. 2;	
Tipografia	Tatayra (prop.);	Rua das Flores, n. 9;	
Imparcial	José João da Silva Rosa³ (prop.).	Rua da Paz, casa n. 2;	
		Rua da Boa-Esperança	
		n. 4.	
	S. A. de Farias (imp.);	Rua da Boa-Vista n. 1;	
	E. B. L. dos Reis (prop.);	Rua da Taboca n. 1;	
	Colattino Cidrônio de Tavares da	Rua do Sol s/n;	
T: C:-	Silva (Prop.);	Rua do Sol n. 16;	
Tipografia	Filinto Elysio da Costa (prop.);	Largo dos Quartéis, n.	
Independente	Antônio da Costa Júnior ⁴ (imp.);	3;	
	Antônio da C. Neves (imp.).	Largo da	
	_	Independência n. 3;	
		Rua da Estrela n. 1.	

Fonte: Arquivo pessoal.

¹ Como muitos donos das tipografias não se declaravam como tal, escreveremos ao lado de cada nome a forma como se identificavam em relação à empresa; informações depreendidas a partir da forma como seus nomes eram colocados no final dos jornais, por exemplo: Tipografia Imparcial, de João da Silva Leite, dessa forma estava confirmada a propriedade; quando após o nome da tipografia encontrava-se a expressão "impresso por" o nome seguinte será colocado aqui como impressor, embora haja indícios de que isso era uma forma de manter anônimo o proprietário.

² João da Silva Leite comprou a Tipografia e reduziu o nome para Tipografia Imparcial.

³ José João da Silva Rosa assumiu a tipografia, após o falecimento de Tatayra.

⁴ Não eram sócios. Cada um deles foi dono da Tipografia Independente por um ano ou mais.

Dos quinze jornais, impressos nessas tipografias, do período mencionado que ainda existem cópias, circularam prosa de ficção em três: *Brado de Caxias: Trono e Liberdade, Jornal Caxiense* e *O Farol*. Quanto às divulgações, foram veiculadas nesses e no jornal *O Telégrafo*. A fim de que conheçamos todos esses jornais, segue um quadro, com seus títulos, denominações, editores, quando possível, periodicidade, período de circulação e as tipografias onde foram impressos.

Quadro 3 - Jornais de Caxias, entre 1833 e 1868, dos quais ainda existem cópias

Jornal	Editor/ Redator	Periodici- dade	Período de circulação	Temáticas	Tipografia ⁵
1 Brado	Antônio	Semanal	1845-1846	Parte Oficial ⁶ ;	1845 -
de Caxias:	Gonçalves	(quinta-		Poesia;	Tipografia
Trono e	Dias;	feira)		Política;	Imparcial
Liberdade	Cândido			Notícias	Caxiense, de
	Mendes de			locais, de	José Cândido
	Almeida;			outras cidades	Leão;
	Frederico José			maranhenses,	1846 —
	Correia;			brasileiras e	Tipografia
	Fernando de			do exterior;	Imparcial, de
	Vilhena.			Anúncios;	João da Silva
				Religião;	Leite.
				Teatro;	
				Folhetins.	
2 Jornal	João da Silva	Semanal	1846-1852	Parte Oficial;	Tipografia
Caxiense	Leite	(Sábado)		Notícias;	Imparcial, de
				Anedotas;	João da Silva
				Anúncios;	Leite.
				Religião;	
				Teatro;	
				Folhetins.	
2.0 151		x 1 0 1	1016	D 1/ 1	
3 O Tigre	-	Indefinida	1846	Política.	Tipografia
de Caxias ⁷		(terça-feira)			Imparcial, de
					João da Silva
					Leite.

⁵ Os nomes que estão com interrogação não se declaravam donos das tipografias, mas seus impressores.

⁶ A Parte Oficial era obrigatória, não obstante, alguns jornais não possuíam essa sessão, ou publicavam as informações do governo com outros títulos, como Relatórios, Maranhão. É bom lembrar que o levante contra a publicação dessa sessão, custou a vida de José Cândido de Moraes e Silva, redator do Farol, de São Luís, conforme já mencionamos nesta tese.

4 Liberal I	Lívio Lopes	Semanal	1846	Notícias de	Tipografia
	Castelo			Caxias, do	Imparcial, de
	Branco ⁸			Piauí	João da Silva
				(principal),	Leite.
				São Paulo, Rio	
				de Janeiro,	
				Estados	
				Unidos;	
				Política;	
				Contendas;	
				Poesia;	
				Anedotas.	
5 O I	Francisco	Semanal ⁹	1847 —	Política;	Tipografia
Telégrafo I	Raimundo de		1851	Notícias;	Imparcial, de
	Barros			Anúncios;	F. R. de B.
7	Tatayra,			Economia;	Tatayra, José
	José João da			Ciências.	João da Silva
	Silva Rosa				Rosa ¹⁰ .
6 A Água		Indeterminada	1849	Notícias;	Tipografia
Benta ¹¹				Política;	Independent
				Poesia.	e, de S. A.
					de Farias?
7 O	-	Indeterminada	1849	Política;	Tipografia
Bem-te-vi				Poesia;	Independent
Caxiense				Notícias.	e de S. A. de
					Farias?
8 A	-	Indeterminada	1849	Política;	Tipografia
Aurora:				Parte oficial;	Independent
Folha				Comércio.	e, de E. B.
Política e					L. dos Reis e
Comercial					S. A. de
12					Farias?

⁷ Do jornal *O Tigre de Caxias* existe apenas a edição seis, de 13 de outubro de 1846. A publicação era indeterminada, porque o jornal só circulava quando os "outros trabalhos da Tipografia permitissem", mas o exemplar que encontramos circulou na terça-feira. Está disponível no site do Projeto *Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no século 19*: http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/diversosoutrosestados.html.

⁸ O *Liberal Piauiense* colhia assinaturas em diversas cidades do Maranhão e do Piauí. Circularam 14 edições entre 13 de maio a 12 de novembro 1846. No início, veiculava duas vezes por semana ou mais, partir da edição onze, de 21 de outubro, tornou-se semanal.

⁹ O Telégrafo, a partir de 23 de novembro de 1847, começou a circular duas vezes por semana (quartas-feiras e sábados).

¹⁰ Proprietários em tempos diferentes.

¹¹ A Água Benta era um jornal gratuito. Está disponível, em pdf, no Projeto Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no século 19.

¹² A Aurora propalou entre 12 de abril de 1849 e 1º de dezembro do mesmo ano. Apresentava-se em quatro páginas. Foram 62 edições.

9 O	-	Semanal	1850-1854	Política;	Tipografia
Farol:				Economia;	Independent
Folha				Poesia;	e, de
Política e				Anúncios do	Colattino
Comercial				comércio	Cidrônio de
				local;	Tavares da
				Notícias	Silva, Filinto
				locais,	Elysio da
				nacionais e	Costa,
				internacionais;	Antonio da
				Prosa de	Costa
				ficção.	Júnior? ¹³
10 O	-	Indeterminada	1852	Contendas;	Tipografia
Echo		(três vezes		Política;	Imparcial, de
Caxiense		por mês)		Notícias.	J. J. da Silva
14					Rosa.
11 A	-	Semanal	1852 —	Política;	Tipografia
Época:			1853	Notícias.	Imparcial, de
Periódico					J. J. da Silva
Constituci					Rosa ¹⁵
onal e					
Político					
12 A	-	Indeterminada	1853	Política;	Tipografia
Crônica:				Poesia;	Independent
Jornal				Notícias.	1
Político ¹⁶					

¹³ Não eram sócios. Cada um deles foi dono da Tipografia Independente por um ano ou mais.

¹⁴ Do jornal O Eco Caxiense existem reproduções apenas das edições 06 e 07 de 04 de jan. de 1852.

¹⁵ Essa tipografia funcionava na Rua da Paz, n. 2, mas *A Época* era vendida no Largo da Matriz, na loja do Sr. Domingos Desidério Marinho (*A Época*, 1° jan. 1853, p. 4).

¹⁶ Circularam apenas 04 edições do jornal *A Crônica*, entre 1º de janeiro e 5 de fevereiro de 1853. Existem evidências de que era mantida pelo periódico *O Farol*, uma vez que era gratuita e os assinantes deste jornal tinham direitos estendidos para *A Crônica*, como observamos nesta mensagem veiculada nas capas de todas as edições: "[...] distribui-se grátis. Os assinantes do *Farol* têm na *Crônica* as mesmas garantias acerca dos anúncios, comunicados e correspondências" (*A Crônica*, 1º de jan. de 1853, p. 1).

13 O	- Semanal	1854	Parte Oficial;	Tipografia
Correio	(sábado)	1031	Política;	Imparcial, de
Caxiense	(34242)		Notícias	José João da
17			locais,	Silva Rosa.
			nacionais e	
			internacionais;	
			Comércio.	
14	- Semanal	1859	Notícias;	Tipografia
Pugnador:			Política.	independent
Periódico				e, impresso
Dedicado				por Antônio
à Defesa				da C. Neves?
da Política				
Conserva				
dora				
15 O	- Semanal	1862	Comércio;	Tipografia
Álbum			Anedotas;	do Farol
Caxiense:			Anúncios;	(Independen
Periódico			Notícias.	te), impresso
Literário,				por Antônio
Comercial				da Costa
e				Neves?
Recreativo				

Fonte: Arquivo pessoal.

A existência de poucos impressores prejudicava a circulação dos jornais e levantava especulações em torno de seus redatores, consoante aconteceu com o *Brado*. Satyro Antônio de Farias, que agora parecia mesmo ser impressor, ficou doente e foi tratar-se em São Luís. Esse fato alterou o dia da circulação do jornal de quarta-feira para sábado. Os redatores publicaram o seguinte aviso: "Em consequência da retirada para o Maranhão do Senhor Satyro Antônio de Farias, o *Brado* sairá nos sábados; e rogamos aos senhores assinantes toda a indulgência enquanto se demora o senhor Satyro. Os R. R." (*Brado de Caxias*, 16 out.1845, n. 9, p. 4).

A depreender-se das publicações de Satyro, os leitores não acreditaram na história, pois acharam que o jornal estava com circulação irregular porque não pagou o impressor. A conversa parece que incomodou os redatores e o próprio Satyro, que difundiu um agradecimento ao médico que cuidava da saúde dele em São Luís e outro em que dizia ser pago em dia pelos redatores. Este encontra-se transcrito a seguir:

¹⁷ Do jornal O *Correio Caxiense* existem cópias, a partir do segundo exemplar. O periódico veiculou de 22 de agosto a 04 de dezembro de 1854. Circularam 15 exemplares, dos quais existem apenas seis.

O abaixo assinado, sabendo que alguns mal intencionados em propalado que a viagem para o Maranhão é motivada por não terem pago os Senhores redatores do *Brado*; declara ser isto inteiramente falso e calunioso, que tem sido pago em dia. E que nada lhe devem: retira-se por causa de negócios particulares, e dentro de um mês estará de volta o mais tardar (*Brado de Caxias*, 16 out.1845, n. 9, p. 4).

Ficou estranho porque tudo isso foi publicado no mesmo exemplar, transparecendo uma grande preocupação da empresa em explicar ou esclarecer o caso; e de Satyro que mais uma vez parecia ter algo a esconder ou só queria mesmo satisfazer à curiosidade e maledicência dos leitores.

CONCLUSÃO

O caráter predominantemente político dos jornais caxienses trazia risco para seus redatores e proprietários. Em vista disso, muitos desses profissionais continuavam anônimos, negavam as profissões ou tentavam esconder seus programas originais de trabalho, manifestandose como comerciais e literários, entretanto, essa postura durava pouco, posto que a via política manifestava-se novamente, então os jornais eram fechados e reabertos em seguida. Todavia, seus donos sofriam retaliações e violências a ponto de perderem a vida, conforme aconteceu com Francisco Raimundo de Barros Tatayra, redator do jornal *O Telégrafo*, de Caxias (Souza, 2017).

Esse cenário de audácia e medo desenhava-se nas tipografias, pois sem elas os jornais não existiriam, já que, em Caxias, não houve jornais manuscritos, por isso ressaltamos também a história das Tipografias: Tipografia Imparcial Caxiense (Tipografia Imparcial) e Tipografia Independente, com seus diversos proprietários e endereços, bem como a história dos jornais impressos nessas instituições, destacando suas temáticas, períodos de circulação e redatores e proprietários, quando possível, visto que a preferência era de que permanecessem anônimos, a fim de preservarem a própria vida.

REFERÊNCIAS

VILANETO, Quincas. Catálogo histórico da imprensa caxiense: Do prelo ao prego: 1833 - 2007/ Caxias. v. III. Caxias: Prefeitura Municipal, 2008.

FRIAS, José Maria Correia de Frias. *Memórias sobre a tipografia maranhense*. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001. (Maranhão Sempre).

[ANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. A Balaiada. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Tudo é História).

JORGE, Sebastião. A censura imprensa do Maranhão. na Revista Cambiassu, São Luís, 2, jan./dez. Disponível http://www.google.com.br/ de 2006. em: url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CCQQFjAC&url=http%3A%2F%2Fwww. cambiassu.ufma.br%2Fcambi_2006%2Fsebastiao.pdf&ei=CwnmVLiENOySsQTa_ IKICw&usg=AFQjCNEWCj6XXD1oWa2IUssqdmciBuBZ5g&sig2=osMcXPxMi3R9-_ po8GHw_A&bvm=bv.85970519,d.cWc>. Acesso em: 19 set. 2014.

SERRA, Joaquim. Sessenta anos de jornalismo: A imprensa no Maranhão. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001 [1883]. (Maranhão Sempre).

SOUZA, Antonia Pereira de. *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão Oitocentista*. 2017, 332 f. Tese (Doutorado em Letras – Literatura e Cultura) — UFPB, João Pessoa, 2017.

JORNAIS

A Aurora: Folha Política e Comercial. Caxias: 1849.

Brado de Caxias: Trono e Liberdade. Caxias: 1845-1846.

O Farol: Folha Política e Comercial. Caxias. 1850-1854.

O Telégrafo. Caxias: 1846-1847.